



**Educação,  
Formação &  
Crioulidade**

6 e 7 de julho  
em Cabo Verde

# As Tecnologias Digitais e suas intervenções na conformação do Currículo Brasileiro

# Introdução

Mudanças estruturais vêm ocorrendo vertiginosamente desde o século XX até a contemporaneidade no sec. XXI com reflexos na economia, política, na geopolítica, na cultura, na Sociedade como um todo; no que tange as tecnologias da informação e comunicação, estas corroboraram para a constituição do que se denominou Sociedade do Conhecimento. Estas mudanças influenciam diretamente a Educação lançando seus reflexos nas práticas administrativa e pedagógica da escola, nas formas de convivência, nos mecanismos de formulação e implementação de política educacional, nos critérios de alocação de recursos e nas situações de ensino- aprendizagem.

A difusão das TICs e TDICs em âmbito mundial proporcionou a constituição de infinitas possibilidades para a universalização do ensino, em resposta às demandas da população por formação. Nesta nova realidade que se descortina no séc. XXI, emerge um novo Renascimento, onde o contexto das inovações não muda mais apenas o que fazemos, mas principalmente o que somos. As interações sociais, a relação com o cotidiano, a vida em si mesma, as relações com o trabalho, a família, com o outro e com o planeta estão se modificando diante do novo paradigma. Os diálogos sobre a diversidade, sobre equidade e gênero, outrora relegados ao ostracismo retornam à discussão no seio da sociedade.

As influências dessas mudanças conjunturais têm a sua materialização em um novo currículo que emerge no seio da Educação. Entretanto, seria ingênua a ideia de que todas essas transformações no que tange ao currículo ocorrem sem os confrontos entre os discursos e a realidade. As TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) como radiodifusão, televisão, jornal, etc. podem ser entendidas como um conjunto de recursos tecnológicos integrados entre si, que proporcionam automação e comunicação dos processos de negócios, da pesquisa científica, de ensino e aprendizagem entre outras. As TDICs (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação), como a internet e todos os meios possíveis neste contexto, dizem respeito a um conjunto de diferentes mídias, diferenciando-se pela presença das tecnologias digitais, da internet na web 2.0.

Neste cenário social saturado, oriundo da globalização, as mudanças educacionais voltadas sobretudo para os aspectos técnicos – pragmáticos, consoantes à satisfação das demandas do Novo Capital Financeiro, ganham força, sufocando cada o sujeito histórico, com vistas a enfraquecer o paradigma voltado ao empoderamento deste, conquistado paulatinamente logo após o final da ditadura militar brasileira. Entretanto como pontua Lima ( 1973, p.26): “É hábito brasileiro falar uma linguagem futurista e realizar uma política “colonial.”

# Panorama Histórico das Teorias do Currículo na Educação

Na atualidade, o papel da Educação, mesmo diante de intensas transformações, ainda tem se restringido à transmissão de costumes e informações às novas gerações. Percebe-se nitidamente um ciclo vicioso, onde os sujeitos são submetidos a uma Educação que os torna seres passivos diante do contexto em que se inserem e submissos às ideologias e imposições propaladas numa sociedade de classes marcadamente desigual. Nesta dinâmica replicam-se ideias e condutas uniformes, coibindo a autonomia.

Rubem Alves (2012, p.35), acerca da Educação pontua,

“Educação é isto: o processo pelo qual os nossos corpos vão ficando iguais às palavras que nos ensinam. Eu não sou eu: eu sou as palavras que os outros plantaram em mim. Como disse Fernando Pessoa: ‘Sou o intervalo entre o meu desejo e aquilo que os desejos dos outros fizeram de mim.’”



A institucionalização da Educação pública tem seus fundamentos nas propostas e nos debates oriundos da Revolução Francesa, final do sec. XVIII, oriundos de pensamentos ambiciosos construídos num momento histórico de queda do velho regime absolutista e organização da sociedade burguesa capitalista, como um projeto pedagógico liberal da burguesia. A ideia de uma instrução pública, do serviço público, da obrigatoriedade do ensino, de gratuidade e a Educação laica se constituem em ecos desse período histórico, que acompanham a Educação contemporânea. É notório que a história da constituição da escola moderna demonstra que em primeira instância os objetivos convergiam para a construção das identidades nacionais, e a consolidação dos Estados numa perspectiva de viabilizar os consensos, a disseminação das ideologias da época e precipuamente estabelecimento do poder.

Na contemporaneidade, para além de uma formação voltada para o Mercado, a Educação deve preparar os sujeitos, como partícipes da construção histórica da sociedade, para o desenvolvimento de uma atitude dinâmica, atenta, crítica, autônoma, consciente e capaz de viabilizar mudanças, contemplando os níveis emocional, intelectual, social e estrutural; uma Educação voltada para a cidadania. Para que isso ocorra as mudanças na Educação requerem novas estratégias, com novas metas educacionais, diferentes objetivos de aprendizagem e ensino, novas leituras de contexto, e sobretudo uma nova compreensão de Homem e Mundo. Todas estas perspectivas encontram a sua materialização no Currículo.

“No centro desta posição está a necessidade de desenvolver modos de investigação que examinem não apenas como a experiência é moldada, vivida e tolerada dentro de formas sociais particulares, tais como as escolas, mas também como certos aparatos de poder produzem formas de conhecimento que legitimam um tipo particular de verdade e estilo de vida. O poder, neste sentido, tem um significado mais amplo em sua relação com o conhecimento do que geralmente se reconhece. O poder, neste caso, como salienta Foucault, não apenas produz o conhecimento que distorce a realidade, mas também produz uma versão particular da "verdade". Em outras palavras, "O poder não mistifica ou distorce simplesmente. Seu impacto mais perigoso é, sua relação definitiva com a verdade, os efeitos de verdade que ele produz." (GIROUX, 1997, p. 31)

Diante desse panorama, na atualidade, Currículo se constitui em um dos assuntos mais imprescindíveis do campo de estudos da Educação e traz discussões polissêmicas. Tais discussões têm os seus fundamentos nas percepções de tempo, espaço, cultura e sobretudo História. Definilo simplisticamente significa atrelá-lo ao ato de eleger um certo número de disciplinas para a composição de um determinado curso. Percepções um pouco mais complexas apontam para a organização dos conteúdos curriculares, sua gestão, sua dinâmica vivenciada nas relações entre os sujeitos e o conhecimento. Ainda assim, a compreensão de currículo acaba assumindo uma noção reducionista pautada na eleição ou disposição de conteúdos.

“A tentativa de programar, ordenar e encadear os processos de construção curricular tem seus fundamentos num modelo produtivo, que fragmentava o processo de produção, não aceitando mudanças ao longo do processo. Tudo isso estruturado por um conhecimento científico baseado nos princípios de “relação causa-efeito”, “separação entre sujeito e objeto do conhecimento”. A ciência moderna buscava os fatos independentemente da sua temporalidade e contexto histórico-cultural. A parceria entre capitalismo industrial e ciência moderna influenciou a concepção de currículo. ” Santos (2004, p.418)

Segundo Silva (2004, p.11), “a teoria representa, reflete, espelha a realidade. A teoria é uma representação, uma imagem, um reflexo, um signo de uma realidade que - cronologicamente, ontologicamente - a precede.” Em se tratando do currículo, pode-se conjecturar, que este seria uma realidade a ser desvelada por uma teoria, isto é, o currículo em si precederia a teoria, sendo que esta não sobreviveria sem ele, estando imbricada e responsável por sua evolução.

# Teoria Tradicional

Oriundas das ideias de John Franklin Bobbitt, na primeira metade do séc.XX, as Teorias Curriculares Tradicionais, conhecidas como *teorias técnicas*, conceituavam as disciplinas curriculares como puramente mecânicas. Dessa forma o sistema educacional atrelado ao paradigma taylorista, uma adaptação do sistema industrial, replicava no espaço escolar a perspectiva de um ensino e aprendizagem homogeneizante desprovido de criticidade, em outras palavras produção em massa padronizada, sistematizada, semelhante à indústria.

# Teoria Crítica

“(…) a teoria educacional crítica determinou-se a desvelar como a dominação e a opressão são produzidas dentro dos diversos mecanismos de escolarização. Em vez de aceitarem a noção de que as escolas são veículos de democracia e mobilidade social, os críticos educacionais problematizaram tal suposição.” (GIROUX, 1997, p.25)

Diferentemente das teorias tradicionais as Teorias Críticas se fundamentam nas concepções marxistas e no pensamento na Teoria Crítica, vinculada à Escola de Frankfurt, de Max Horkheimer e Theodor Adorno. Essas teorias também agregam a influência da Nova Sociologia da Educação, tendo como ícones Pierre Bourdieu e Louis Althusser.



# Teorias pós-críticas

Oriundas das décadas de 1970 e 1980, as Teorias Pós-Críticas são fundamentadas pela fenomenologia, do pós-estruturalismo e dos ideais multiculturais. Dessa forma, a perspectiva pós-crítica, semelhantemente às Teorias Críticas, combateu as teorias tradicionais, porém ultrapassaram as questões de classe tendo como foco principal a formação do sujeito.

As Teorias Pós-críticas se propõem a compreender não apenas a realidade social como um todo, mas as particularidades, tais como os estigmas étnicos, étnicos e culturais, tais como a orientação sexual, etnia, gênero, enfim, a diversidade e subjetividade. Por este motivo, estabelece um confronto direto contra a opressão tudo que causa dano aos grupos semanticamente marginalizados; lutando pelo direito de todos à inclusão no meio social.

De acordo com Santos (2004, p.419) acerca das contribuições das Teorias Pós-Críticas para o currículo agregando a importância das tecnologias no mundo moderno,

“As diversas abordagens convergem no tratamento do currículo para além do “conjunto de matérias”. O currículo apresenta-se como uma rede de relações complexa e interativa que articula os “nós” da prática dos espaços de aprendizagem com os “nós” dos arranjos sociais, econômicos, culturais e políticos. Em outras palavras, temos uma implicação mútua entre escola e sociedade. Por estarmos envolvidos numa sociedade cada vez mais estruturada pelas tecnologias de comunicação e de informação, é fundamental percebermos como o paradigma digital vem também influenciando as práticas curriculares na construção de novas formas de trabalhar e aprender no mundo contemporâneo. ”

# Tecnologias integradas ao Currículo: o papel da escola

No final do século XX e início do XXI, uma nova redefinição de espaço-tempo emerge a partir da denominada Quarta Revolução Industrial, onde as relações entre o Homem e as Tecnologias acentuaram a sua proximidade como nunca dantes, de maneira que o computador, “[...] símbolo da era da informação, pensa em nano segundos, em milhares de microssegundos. Junto à nova tecnologia das comunicações, ele introduz um marco espaço-tempo radicalmente novo na sociedade.” (LEVY, 2000, pp. 49 - 50). Essa redefinição espaço-temporal altera e, ao mesmo tempo, é resultante das transformações sócio-políticas e econômicas na atualidade.

“A educação se transformou na tarefa social emancipatória mais significativa [...] para crescermos na atividade de inovar formas e maneiras de educar, devemos juntar as competências sociais requeridas pelas atividades profissionais mais variadas e as novas atividades que inventarmos com a sensibilidade social necessária para a construção de um mundo no qual caibam todos. Vamos estar refletindo juntos sobre o sonho de unir formação de profissionais competentes com a sensibilidade ética de seres solidários. [...] seres humanos que entendam que a felicidade dos outros faz parte de sua própria felicidade. ” (ASSMAN e SUNG, 2000, p14)

“A educação tem sentido porque homens e mulheres aprenderam que é aprendendo que se fazem e se refazem, porque homens e mulheres se puderam assumir como seres capazes de saber, de saber que sabem, de saber que não sabem. De saber o que já sabem, de saber o que ainda não sabem. A educação tem sentido porque, para serem mulheres e homens de estar sendo. Se mulheres e homens simplesmente fossem não haveria porque falar em Educação.” (FREIRE, 2000, p. 40)

Ainda segundo “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica que se confirma com inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História”. (FREIRE, 1997, p. 154)

A qualificação profissional constitui-se num dos principais caminhos na elaboração e sistematização do conhecimento, além da promoção da pesquisa em busca por maiores informações, passando, fundamentalmente, pela formação que deve capacitar os futuros professores para emprego dos recursos técnicos das TICs e TDICs, nas suas atividades profissionais propiciando questionamentos acerca de suas repercussões e implicações no cotidiano.

Ressalte-se que inclusão digital não é sinônima de laboratórios equipados com computadores ligados à Rede, mas ao uso consciente e a aprendizagem da autonomia.

Diante deste contexto emerge também a importância de se elaborarem materiais didáticos condizentes à dinâmica do recurso a ser utilizado. Não se trata de simplesmente trocar o quadro negro pela tela do computador ou tablet, mas da construção de abordagens desafiadoras tais como ocorrem na modalidade Educação a Distância, onde o educando é constantemente desafiado a buscar o conhecimento e desenvolver formas de expressão do saber adquirido, seja via as redes sociais, nos ambientes virtuais de aprendizagem, blogs, entre outras formas, sem esquecer os meios mais formais consolidados, os quais foram repaginados. Trata-se do uso consciente e criativo das tecnologias e do ambiente virtual à disposição com a finalidade de educar, encurtar distâncias e enriquecer o conhecimento.



Conforme as diretrizes Internacionais, concebidas no Fórum de Incheon (UNESCO, 2016), que orientam as Reformas Educacionais e em consequência as Políticas Públicas para a Educação Brasileira, o currículo deverá ir além de promoção do acesso ao conhecimento qualificado, fomentando uma Educação de qualidade e inclusiva, que valorize a diversidade étnico-racial, fundada nos valores de cidadania e instituída como valor social, bem como gerar a equalização de oportunidades entre diferentes, permitindo a integração e participação nas discussões prioritárias; sendo estas as características inexoráveis da Educação. Tendo o Letramento em Tecnologias Digitais como condição imprescindível para a formação dos sujeitos no sec.XXI. Entretanto, é notório que subjaz ao discurso propalado a emergência das ações com vistas à manutenção do Capital, dessa forma cabe aos profissionais da Educação desenvolverem práticas, que valorizem o sujeito histórico e preparem para além do Mercado, mas sobretudo, para o exercício da autonomia, criticidade e transformação social.

Acerca do sucesso da integração das TDICs na proposta curricular da escola Bento Duarte da Silva, (2008) apresenta três fatores:

“1. A tecnologia deve estar integrada no projeto curricular; 2. É necessário existir convergência entre o conhecimento pedagógico e o pensamento do professor, ou seja, a formação do professor deve atuar em três dimensões: a tecnológica (manipulação das TIC), a expressiva (domínio das linguagens de cada TIC) e a pedagógica (conhecimento integrado ao currículo escolar). 3. É preciso adotar uma política de renovação pedagógica na escola, com mudanças na filosofia da escola, uso de projetos interdisciplinares, criação de bibliotecas digitais, de centros de recursos, de apoios pedagógicos, de ampliação e reformas arquitetônicas, contratação de pessoal tecnicamente qualificado para dar suporte.”

“As tecnologias da informação e comunicação constituem uma parte de um contínuo desenvolvimento de tecnologias, a começar pelo giz e os livros, todos podendo apoiar e enriquecer as aprendizagens. Como qualquer ferramenta, devem ser usadas e adaptadas para servir a fins educacionais e como tecnologia assistiva; desenvolvidas de forma a possibilitar que a interatividade virtual se desenvolva de modo mais intenso, inclusive na produção de linguagens. Assim, a infraestrutura tecnológica, como apoio pedagógico às atividades escolares, deve também garantir acesso dos estudantes à biblioteca, ao rádio, à televisão, à internet aberta às possibilidades da convergência digital.” (BRASIL, 2013, p. 22)

# Principais mudanças de paradigmas na Educação nas últimas décadas:

- A emergência da Educação contínua: formação in loco e Educação de jovens e adultos;
- Educação Fragmentada: convergência e transmídia ;
- Educação distribuída: ênfase no paradigma da Inteligência Coletiva propalada por Levy (1999);
- Educação personalizada: aprendizagem personalizada, síncrona e assíncrona, disponível de forma ininterrupta;
- Aprendizagem ativa: oriunda principalmente da disseminação das tecnologias proporciona uma aprendizagem participativa, ativa independentemente de tempo/espaço.
- Estudantes híbridos: trata-se da união humano e TDICs, onde o foco deixa de ser a memorização sem sentido, para a articulação dos conteúdos.
- Professor como Interface: transpondo o papel de portador de conhecimentos estáticos e assumindo a posição de agente transformador.

- A concepção epistemológica vigotskiana concebe a interação, não como uma sequência linear, mas como um processo dialético, numa dinâmica que supera a ação do sujeito sobre o objeto ou do objeto sobre o sujeito, passando a uma ação de interação entre ambos; além disso, trata-se de um processo sociocultural.
- Por este motivo na visão de Gadotti (2003, p. 32), devido os avanços das novas tecnologias, “elas precisam ser selecionadas, avaliadas, compiladas e processadas para que se transformem em conhecimento válido, relevante e necessário para o crescimento do homem como ser humano em um mundo sustentável”.

# Considerações finais

“A integração TDIC e currículo propicia a articulação dos contextos de formação e aprendizagem com as situações de experiências autênticas, potencializando o desenvolvimento do currículo como construção permanente de práticas intencionais, com significado cultural, histórico e social.” (Almeida & Valente, 2012)

Considerando que os indivíduos não podem se dissociar da vivência em Sociedade, não há como entender uma Educação de qualidade que não leve em conta os fins sociais da escola, o que, em última análise, pressupõe educar para a democracia, para além de uma formação egoística do consumidor que tem direitos. A participação constitui-se na maior expressão da cidadania, dessa forma, a participação ativa torna o indivíduo mais que titular dos direitos, um coparticipante na construção dos mesmos.

## Na afirmação de Gramsci

“a tendência democrática, intrinsecamente, não pode consistir apenas em que um operário manual se torne qualificado, mas em que cada ‘cidadão’ possa se tornar ‘governante’ e que a sociedade o coloque, ainda que ‘abstratamente’, nas condições gerais de poder fazê-lo.”  
(Gramsci, 1978, p. 137)



# Referências

Almeida, M. E. B. de, & Valente, J. A. (2012). Integração currículo e tecnologias e a produção de narrativas digitais. *Currículo Sem Fronteiras*, 12(3), 57–82. <https://doi.org/ISSN 1645-1384>

Almeida, M. E. (2000). (Vol. 2). *ProInfo: Informática e formação de professores*. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED.

Brasil. (2013). Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC.

Freire, P. (2003). ( 36ª ed.). *Pedagogia do Oprimido*. Coleção Leitura. São Paulo: Paz e Terra.

- Gadotti, M. (2003). **A boniteza de um sonho**: aprender e ensinar com sentido. Novo Hamburgo: FEEVALE.
- Giroux, H. A.(1997). Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. (Introdução: Os professores como intelectuais) Trad. Daniel Bueno, Porto Alegre: Artes médicas.
- Gramsci, A. (1978). (2.ed). Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Assmann, H. & Sung, J. M. (2000). Competência e sensibilidade solidária: educar para esperança. Petrópolis: Vozes.

Lévy, P. (1999). A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola.

Lévy, P. (2000). Cibercultura. 2. ed. São Paulo, Editora 34, 2000.

Lima, L. O. de. (1973). (3 ed). O impasse na Educação, .  
Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, p.26

Moran, J. M.; Masetto, M. & Behrens, M. (2008). (15ªed.). Novas tecnologias e mediação pedagógica. São Paulo: Papirus, 2008.

Sacristán, J. G. (1995). O currículo: uma reflexão sobre a prática.  
Porto Alegre: Atrmed.

Santos, E. O. dos. (2004). Idéias sobre currículo, caminhos e descaminhos de um labirinto. Revista da FAEEBA, v. 13, n. 22, p. 417-430.

Silva, B. D. (2008). A inserção das tecnologias de informação e comunicação no currículo—repercussões e exigências na profissionalidade docente. In: Flávio, A. M. & Macedo, E. (coords.) Currículo, Práticas Pedagógicas e Identidades. Porto: Porto Editora.

Silva, T.T. da.(2003).(2ed) Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

UNESCO. (2016). Educação 2030: Declaração de Incheon e Marco de Ação da Educação. Retrieved from

<http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002432/243278POR.pdf>

Whitehead, A. N.(1929). Fins da educação e outros ensaios. São Paulo, Nacional, 1969.

**Rosa Maria Rodrigues Barros<sup>1</sup>**

**Thiago César Frediani Sant'Ana<sup>2</sup>**

**Marta Maria Gonçalves Balbé Pires<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Estadual de Maringá (BRASIL), [rosabarro40@gmail.com](mailto:rosabarro40@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Estadual de Maringá (BRASIL),  
[geografo.thiago@gmail.com](mailto:geografo.thiago@gmail.com)

<sup>3</sup>Faculdade Adventista Paranaense (BRASIL), [marta.balbe@iap.org.br](mailto:marta.balbe@iap.org.br)